

Por trás de um crime, sempre um desejo

Se alguma coisa não mudou desde os gregos, da Idade Média, de Shakespeare, é o fato de que por trás de um crime está um desejo, não uma necessidade.

Uma vontade de algo, uma fantasia, um sonho de mudar. Raro o crime causado por necessidade e quando assim acontece, vira notícia.

Dias atrás, um senhor roubou dois quilos de carne em Goiás, foi preso e acabou sendo ajudado no pagamento de sua fiança de soltura, até mesmo pelos policiais que o prenderam. Recebeu ajuda vinda de todos os lugares do Brasil, e o mais importante: uma oferta de emprego com carteira assinada. Problema resolvido. O criminoso tinha uma necessidade e a sociedade a supriu. Fossem todos os crimes assim, seria fácil resolver a criminalidade.

Igualmente, dias atrás, vítima da série de facadas que estão sendo desferidas contra pedestres e ciclistas no Rio de Janeiro, a morte de um médico chamou a atenção do mundo para o ambiente de barbárie, em pleno século 21, que assola o cartão postal mais conhecido do Brasil. Um menino de 16 anos e com mais de 15 passagens pela polícia foi apreendido (silogismo besta do Brasil para se informar da prisão de um menor) como o responsável pela morte do médico. Qual a necessidade dessa facada? Nenhuma. Qual o desejo? Nenhum.

Esse assassino de 16 anos é, simplesmente, fruto de uma nova categoria dos crimes: exclusão. Ele não tem nada a perder se matar alguém. Assim como não tem nada a ganhar. Como mostrou o delegado do caso, esse menino não conheceu o pai, a mãe cata latinha para ganhar um dinheiro mínimo e não está nem aí para o filho. A moradia (que nome dar àquele local em Manguinhos onde o menino ia para dormir?) é absolutamente desumana. Quando estava na 6ª série, abandonou a escola. E a escola igualmente o abandonou. Matar ou morrer é do cotidiano dessa gente. O futuro não existe. O passado não existe. E o presente é fazer o que dá na cabeça. É o instante inconsequente.

Foto: Fernando Frazão/ Agência Brasil



Quantos meninos de 16 anos com essa característica são produzidos em série pelo Brasil? Não apenas em grandes capitais, mas em cidades do interior também. O Brasil produz criminosos em série e depois pede cadeia a eles. Pede que sejam condenados. Querem o fim da maioria. Um cinismo sem fim daqueles que estão nos cargos de comando, mas, principalmente daqueles que vão às urnas e colocam essa gente no comando do Brasil.

A verdade é de uma lógica que dói: se não se acabar com essa fábrica de excluídos, o ato de diminuir para 16 anos a idade para que um criminoso vá para a cadeia só será um momento intermediário para que se peça, daqui a uns poucos anos, que essa idade penal caia para 14 e depois para 12 anos, e quem sabe onde isso irá parar...

A sociedade está atônita e não admite que a única saída que vê é essa de dar uma canetada para diminuir a idade penal. Não há uma voz lúcida propondo um caminho para que seja colocado um fim nessa criação desenfreada de seres sem passado e nem futuro. O básico precisa ser cumprido, ou seja, quando um homem e uma mulher transam precisam saber que por trás desse ato está a responsabilidade em gerar ou não uma família. O nascimento de um filho não é imprevisível, incontrolável ou acidental. É, sim, o momento mais importante da espécie humana. Gerar um filho significa a decisão de um casal em dar cuidado, amor, carinho e os primeiros passos para que esse filho construa o seu futuro.